

DESEMPREGO E CUSTO DE VIDA AUMENTAM A TENSÃO NO PAÍS

A tolerância e a convulsão social

José Pastore

A crise econômica pela qual passamos e os seus dramáticos desdobramentos sociais em termos de desemprego e elevação do custo da vida põe os brasileiros em uma situação de forte tensão social. Cada um de nós sofre as agruras da inflação. Cada um de nós já tem um, dois, parentes desempregados, o que nos ameaça duplamente: de um lado, o medo do desemprego nos atingir pessoalmente; de outro, o peso da responsabilidade de acudi-los com nossa renda já tão apertada.

As sondagens periódicas de opinião pública revelam que, hoje em dia, inflação e desemprego constituem os dois problemas de maior apreensão da população brasileira. A inflação que, em 1981, era apontada como o principal problema nacional por 34% dos brasileiros, assim continua em 1983. O desemprego, porém, que preocupava apenas 18% dos brasileiros em 1981, hoje preocupa 25% (*Índice Gallup de Opinião Pública*, São Paulo: Instituto Gallup de Opinião Pública, Relatório 169, 1983, p. 1). Nesse aumento da preocupação com o desemprego, os dados mostram que ela é ainda maior na região Sul do país, entre os mais jovens e os habitantes das grandes cidades.

Cerca de 1/3 da população urbana empregada teme perder o emprego atual. Sete em cada 10 brasileiros esperam por mais desemprego ao longo de 1983 (*Índice Gallup de Opinião Pública*, op. cit., pp 3, 5, 13, 14). Cerca de 75% dos brasileiros sentem que a situação econômica piorou muito nos últimos 12 meses. Cerca de 84% acham que estaremos igual ou ainda pior nos próximos seis meses (*Gallup: O Mercado Amanhã*, São Paulo: Instituto Gallup de Opinião Pública, Tabulações Avançadas, junho de 1983, Tabelas 1 e 3.).

As pesquisas refletem ansiedade e incerteza quanto ao futuro. Cerca de 20 milhões de brasileiros se afligem ainda com a prestação do BNH, assim como com a mensalidade da escola de seus filhos. Cada um de nós conhece pessoas que foram obrigadas a cancelarem a matrícula de seus filhos da escola particular por total impossibilidade de pagamento. Convenhamos, cada um de nós tem um calafrio ao saber que está na

hora de voltar ao dentista ou que alguém de casa tem de ser operado — por mais simples que seja a operação.

Tal estado de angústia, como indicam os dados das sondagens citadas, vem-se agravando a cada mês, a cada semana. Rapidamente, o brasileiro — um dos povos mais festivos e mais otimistas do mundo — vai mudando seu modo de ser, seu estilo de vida e até o seu semblante. O homem da rua está abatido e deprimido, inseguro e frustrado, a ponto do Governador Montoro se lançar em dispendiosa campanha para trazer de volta um pouco de ânimo da gente bandeirante.

Quanto tempo vai durar tudo isso? Nesse clima de abatimento, o que pode acontecer do ponto de vista social? O barril é de pólvora? Estamos perto de uma convulsão social? De uma subversão política?

Sim, esta é a pergunta que fazemos a nós mesmos: com tanto sofrimento, tanto abatimento e tanto desencanto, o Brasil continuará a ilha de paz que até aqui sempre foi?

A tolerância ainda é um traço do brasileiro

De fato, o agravamento da crise econômica suscita a cada momento a questão do limite da tolerância de nosso povo. Ao longo da História, sempre nos destacamos como um povo com tolerância às iniquidades. Na verdade, fomos colonizados dentro de um quadro de profundas desigualdades. Durante séculos, fomos acostumados a aceitar a convivência entre senhores e escravos. Nossa tolerância tem raízes profundas.

Os tempos recentes, por sua vez, fizeram perpetuar o mesmo país de desigualdades. Continuamos aceitando pacificamente a realidade do porteiro do banco ganhando um salário-mínimo e o presidente ganhando 100. Isso continua muito comum entre nós, e como se sabe, *o comum tende a ser o normal*. Assim como continua sendo comum e normal para nós o fato do pobre ser o primeiro a “perder” o seu emprego e o último a se reempregar.

No esforço de responder se estamos perto ou longe de uma convulsão social, não há como ignorar e menosprezar o peso enorme de nossa herança cultural. Tal herança tem muito a ver com essa ampla

tolerância que o brasileiro tem para aceitar a pobreza e as condições tão acentuadas de desigualdade.

Ao tentarmos prever a eclosão de uma convulsão social como resposta à crise econômica, impõe-se levarmos em conta não somente a *magnitude da pobreza e da desigualdade*, mas também o grau de tolerância do povo em relação à pobreza e à desigualdade. Minha hipótese é de que o peso da nossa história e cultura continua responsável por essa grande tolerância que temos para conviver com adversidades tão brutais. Outros países, com menos adversidades, já teriam explodido, simplesmente porque, acima de tudo, têm menor tolerância.

Mas, é claro, o Brasil não é um todo homogêneo. Pobreza, desigualdade e tolerância também variam de região para região. O Nordeste, por exemplo, apesar de ter mais pobreza e desigualdade, me parece ter mais tolerância. Rio, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, com menos desigualdade, me parecem ter menos tolerância. Por isso, difícil deve ter sido a tarefa do Francisco Julião ao pretender levantar o Brasil contra a pobreza e a desigualdade a partir de uma região que foi, durante séculos, acostumada com elas. Isso era parte da história e parte da cultura.

Assim é o Brasil. Assim se formou o caráter tolerante do brasileiro. Como diz Sérgio Buarque de Holanda. “... a contribuição brasileira para a civilização, será a cordialidade. Mas, ao contrário de indicar polidez, nossa cordialidade é um tipo de defesa ante a (desigualdade da) sociedade.

(Ver Holanda, Sérgio B., *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956, pp. 209-211.)

Trata-se de uma forma de compensação, assim como o carnaval também funciona como uma válvula de escape, quando o pobre vira rei na avenida, e o patrão bate palma, bem comportado, sentado na arquibancada.

(Sobre esta tese ver da Mata, Roberto, *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.)

Mas essa tolerância está imune a crises? Será que nada a abala? Enfim, já tivemos manifestações coletivas em outros tempos de crise econômica. Não estaria chegando a hora outra vez?

Jorge Arbach

